

Histórias de guerras e de pracinhas: o Museu da Paz, em Jaraguá do Sul, Santa Catarina

Wilson de Oliveira Neto

Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), São Bento do Sul, Santa Catarina, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-6439-661X>

E-mail: wilhist@gmail.com

Resumo: O Museu da Paz – MPZ foi criado em 2009, sendo considerado um Museu Militar. O objetivo deste artigo é analisar o MPZ, com destaque para o contexto da sua criação e a forma com a qual a Segunda Guerra Mundial e a FEB são abordadas na sua exposição de longa duração. Para tanto, foi realizada uma pesquisa em fontes primárias e analisada a própria exposição do Museu. O MPZ faz parte de um conjunto de espaços de memória relacionados à Segunda Guerra Mundial em Jaraguá do Sul e municípios vizinhos. Sua criação está ligada à valorização da memória dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira, que ocorre por meio da sua exposição de longa duração e dos projetos educativos que desenvolve, além do envolvimento com efemérides e eventos relacionados à história da Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial; Força Expedicionária Brasileira; Museu da Paz.

Stories of wars and “pracinhas”: the Peace Museum, in Jaraguá do Sul, Santa Catarina

Abstract: The Peace Museum – MPZ was created in 2009 and is considered a Military Museum. The purpose of this article is to analyze the MPZ, highlighting the context of its creation and the way in which the WWII and the BEF are approached in its long-term exhibition. To this end, a survey of primary sources was carried out and the Museum's exhibition itself was analyzed. The MPZ is part of a set of memory spaces related to the Second World War in Jaraguá do Sul and neighboring municipalities. Its creation is linked to the appreciation of the memory of former combatants of the Brazilian Expeditionary Force, which occurs through its long-term exhibition and the educational projects it develops, in addition to its involvement with ephemeris and events related to the history of the Second World War.

Keywords World War II; Brazilian Expeditionary Force; Museu da Paz.

Texto recebido em: 16/09/2022

Texto aprovado em: 17/11/2022

Introdução

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) faz parte da memória e da história de Santa Catarina. Especialmente, nas regiões catarinenses de colonização alemã como, por exemplo, os municípios de Blumenau, Jaraguá do Sul, Joinville e São Bento do Sul. A historiografia catarinense aborda, há bastante tempo, o assunto,

através de artigos, livros e trabalhos de pós-graduação, tais como Dissertações e Teses. Predominam nestes estudos, narrativas a respeito de diversos aspectos do contexto de guerra no estado, tais como os conflitos entre autoridades públicas e comunidades teuto-brasileiras, a construção de inimigos internos, as operações militares no território catarinense e o envio de diversos cidadãos ao teatro de operações italiano, entre 1944 e 1945, através da Força Expedicionária Brasileira – FEB (FALCÃO, 1999; FÁVERI, 2004; GUEDES; OLIVEIRA NETO; OLSKA, 2008; OLIVEIRA NETO, 2007).

Decorrente desses fatos, há diversos “lugares de memória” sobre o conflito, como são os casos das associações de veteranos, nomes de ruas e praças, monumentos, museus e mesmo sepulturas de ex-combatentes. Segundo Pierre Nora (1993), os lugares de memória são marcos testemunhais de outra era, vestígios do passado e evidências de que a memória não é espontânea, mas uma construção sociocultural, em torno da qual giram os mais variados interesses, o que lembra as reflexões de Jacques Le Goff (1996) sobre a memória. Para o autor, entre outras prerrogativas, controlar a memória e o esquecimento envolve relações de poder, uma vez que há certas classes e grupos sociais que dominaram e dominam as sociedades ao longo do tempo.

O objetivo deste trabalho foi estudar um desses espaços sobre memória e a história da Segunda Guerra Mundial e a Força Expedicionária Brasileira em Santa Catarina, o Museu da Paz – MPZ, localizado no município de Jaraguá do Sul, na microrregião do Vale do Itapocu. O MPZ, como também é conhecido, foi criado em 2009 e faz parte de um conjunto de espaços históricos acerca da Segunda Guerra Mundial e da FEB existente em Jaraguá do Sul e municípios vizinhos, tais como Corupá e Guaramirim. Neste trabalho, o Museu da Paz foi abordado através da perspectiva da história do museu e da história no museu. Isto é, examinamos a trajetória histórica da instituição, com destaque para o contexto e para as relações políticas e sociais que resultaram na sua criação, em 2009, e, em seguida, a análise da exposição permanente do MPZ sobre a Segunda Guerra Mundial e a FEB.

Os museus históricos e a comunicação museológica

O Museu da Paz é considerado um museu histórico (PFIFFER, 2015a). As origens dos museus estão situadas no mundo antigo, mais precisamente na região do mar Mediterrâneo, na Hélade. Elas também estão relacionadas ao colecionismo

de antiguidades e curiosidades que contagiou a elite erudita europeia, a partir do início da Idade Moderna, no contexto do Renascimento. Os museus, como os conhecemos, contudo, surgiram durante o século XIX, na América do Norte e na Europa Ocidental. Neste sentido, servem de exemplos clássicos o Museu Britânico (Inglaterra) e o Museu do Louvre (França), conforme explica Elizabete Tamanini (2000).

O século XIX ficou conhecido como uma época de grande desenvolvimento da memória e do “espírito comemorativo”, vinculado aos movimentos nacionalistas europeus e à fundação de diversos Estados nacionais, como por exemplo, a Itália (1870) e a Alemanha (1871). Em consequência, os oitocentos foram um século em que diversas tradições nacionais foram inventadas ou reinventadas. As novas tradições que surgiram na Europa entre 1870 e 1914, oficiais ou não oficiais, tiveram como pano de fundo as profundas transformações econômicas, sociais e, sobretudo, políticas com as quais o continente vinha sofrendo desde o início do século (HOBSBAWM, 1997; LE GOFF, 1996).

A comemoração apropria-se de novos instrumentos de suporte: moedas, medalhas, selos de correio multiplicam-se. A partir do século XIX, aproximadamente, uma nova vaga de estatutária, uma nova civilização da inscrição (...) submerge as nações europeias. (...). O desenvolvimento do turismo dá um impulso notável ao comércio de *souvenirs* (LE GOFF, 1996, p. 464).

Junto com estes novos “instrumentos de suporte” estavam os museus, que não são mais considerados lugares de curiosidades, mas instituições científicas. Os museus históricos foram um dos tipos de museu que surgiram a partir destas circunstâncias. Desde cedo, eles estiveram vinculados às tradições nacionais e aos discursos nacionalistas. No Brasil, os museus históricos apareceram, como categoria distinta de museus, somente no começo do século XX, porquanto, no território brasileiro, durante os oitocentos, foram fundados inicialmente os museus de história natural, como por exemplo, o Museu Nacional, na cidade do Rio de Janeiro (MENESES, 2005).

Segundo Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses (2005), tradicionalmente, os museus históricos são classificados como aqueles que reúnem, estudam, conservam e expõem “objetos históricos”. Adverte, no entanto, o autor que os objetos históricos expostos nos museus históricos não existem naturalmente. Eles são resultados de escolhas e de conceitos que orientam estas seleções. Ou seja,

existe uma intencionalidade na sua seleção, no seu estudo, na sua conservação e na sua exposição. Neste sentido, a definição de objeto histórico aproxima-se do conceito de “documento-monumento” de Jacques Le Goff (1996).

Se a escolha dos objetos que formarão a coleção de um museu histórico é intencional, logo, é possível concluir que a própria exposição de um museu histórico, aliás, de qualquer tipo de museu, é também intencional. Meneses (2005) a considera uma “convenção visual”, uma “produção de sentidos”.

aos museus históricos (...) não pode haver, nunca, exibição neutra ou literal de artefatos. As premissas e os compromissos são sempre muito densos. A exposição museológica pressupõe, forçosamente, uma concepção de sociedade, de cultura, de dinâmica cultural, de tempo, de espaço, de agentes sociais e assim por diante (MENESES, 2005, p. 33).

Se a exposição de um museu histórico é uma convenção visual ou uma produção de sentidos, a comunicação é essencial. A exposição de um museu é uma das diversas formas de comunicação museológica, compreendida neste trabalho como a “extroversão do conhecimento em museus”, segundo definiu Marília Xavier Cury (2005, p. 34). Para a autora, a exposição é o meio mais importante da comunicação museológica, pois é através dela que ocorrem a enunciação das narrativas dos museus e o estabelecimento de uma relação entre o sujeito (visitante) e o objeto (coleção) exposto em um cenário expositivo.

Ainda em Cury (2005), a exposição permanente ou temporária de um museu é o resultado final de um processo, que compreende as seguintes etapas: aquisição, pesquisa, documentação, conservação e exposição. Este “caminho” corresponde, por sua vez, à musealização do objeto pelo museu histórico.

Para este artigo, as considerações de Meneses (2005) e Cury (2005) são essenciais, pois chamam a atenção para a intencionalidade das coleções e das exposições dos museus, em particular dos museus históricos. Em consequência, sugerem a necessidade de contextualizar os museus para compreendermos que tipo de narrativa eles oferecem ao público e no que elas estão fundamentadas. Assim sendo, não é o caso de avaliar se elas são verossímeis ou inverossímeis somente, mas de descrever e interpretar suas representações acerca dos temas que aborda. No caso específico do Museu da Paz, trata-se de descrever e interpretar suas representações a respeito da Segunda Guerra Mundial e da Força Expedicionária Brasileira, por meio da trajetória do museu, da sua coleção e exposição.

A história do museu

O Museu da Paz – MPZ está localizado na Avenida Getúlio Vargas, número 405, no Centro de Jaraguá do Sul, Santa Catarina, em uma edificação que abrigou parte da estação ferroviária da cidade. Jaraguá do Sul é um município localizado no vale do Itapocu. Suas origens estão ligadas à colonização europeia em Santa Catarina, durante a segunda metade do século XIX. O município de Jaraguá do Sul, entretanto, emancipou-se somente em 1934, quando foi desmembrado de Joinville e teve sua intendência municipal instalada (PREFEITURA DE JARAGUÁ DO SUL, 2022).

Segundo Ademir Pfiffer (2015a, p. 1), o Museu da Paz “tem a missão de salvaguardar o patrimônio material das duas grandes guerras, que assolaram, principalmente, o mundo ocidental no transcorrer do século XX”. Ele prossegue e reforça que: “Através do acervo museológico de época, almejamos difundir a memória e a identidade da Força Expedicionária Brasileira, no *front* italiano nos anos [19]40, em defesa da paz e no combate aos regimes totalitários, como Fascismo e Nazismo”. Em resumo: “esta instituição museológica é um espaço de diálogo e confrontação de ideias, visando acima de tudo construir a cidadania plena, através de uma cultura de paz” (PFIFFER, 2015, p. 1).

Entre 1914 e 1945, a humanidade foi envolvida em um período de violência extrema, marcado pelas guerras mundiais, pela Revolução Russa (1917), pelo surgimento do fascismo histórico – Fascismo na Itália e Nacional-Socialismo na Alemanha –, pela Crise de 1929, entre outros fatos que fizeram com que esta época fosse denominada por Eric Hobsbawm (1995) como a “era da catástrofe”. O ápice deste tempo de violência foi atingido durante a Segunda Guerra Mundial (1939–1945). Ela constitui-se num conflito militar travado entre duas coalizões de países – os Aliados, liderados pelos EUA, Grã-Bretanha e URSS, e o Eixo, capitaneado pelas seguintes potências: Alemanha, Itália e Japão. As causas da Segunda Guerra Mundial são complexas e têm origens em uma tentativa de alteração da ordem política mundial anglo-saxã, especialmente, após a Crise de 1929. Ela também teve uma forte dimensão anticomunista, uma guerra de contenção e aniquilação do Comunismo, especialmente na Eurásia, onde as operações militares foram as mais violentas e os crimes de guerra e contra a humanidade foram recorrentes e chocantes. Há mais de 70 anos, os países do Eixo capitularam ante os Aliados,

pondo fim à maior conflagração mundial de que se tem notícia na história da humanidade. A vitória dos Aliados sobre o Eixo fora marcada em dois momentos distintos: 8 de maio de 1945, quando a Guerra na Europa foi finalizada com a rendição da Alemanha; 2 de setembro de 1945, data em que o Japão também se rendeu. Estima-se que mais de 55 milhões de pessoas perderam a vida durante o conflito. Nessa conta não está a grande quantidade de desaparecidos, mutilados e refugiados que são tão expressivos quantos os que vieram à óbito. (BEAVOR, 2015; OVERY, 2014; VIZENTINI, 1995).

Setenta e dois países foram envolvidos com a guerra, entre os quais o Brasil. O governo brasileiro declarou guerra à Alemanha e à Itália em 31 de agosto de 1942. Apesar de se ter de concordar com Ricardo Seitenfus (2003), segundo o qual, era uma questão de tempo para que a Segunda Guerra Mundial chegasse a um país periférico e de economia primária como o Brasil da época, o envolvimento brasileiro com o conflito tem suas origens antes mesmo do começo da própria guerra, em um jogo diplomático complexo entre Brasil, Estados Unidos e Alemanha, durante a década de 1930. A causa imediata da declaração de guerra, porém, foram os ataques de submarinos alemães contra navios da Marinha Mercante brasileira, ocorridos durante a primeira metade de 1942, no contexto de rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e os países do Eixo e de guerra naval travada no Atlântico Sul (PEREIRA, 2015).

De 1942 a 1945, o Brasil participou da Segunda Guerra Mundial através da exportação de recursos naturais para os EUA, através do combate à espionagem militar alemã no continente sul-americano, da guerra antissubmarina travada no Atlântico Sul, da cessão de territórios nacionais para a instalação de bases militares estadunidenses e através do envio de uma força combatente aérea e terrestre para lutar ao lado dos Aliados no teatro de operações europeu. Isto posto, vale lembrar que este último aspecto tem relação direta com a memória e a história de Jaraguá do Sul e de outros municípios localizados no vale do Itapocu, caso de Corupá e Massaranduba, porquanto diversos cidadãos locais, jovens durante a década de 1940, serviram à Força Expedicionária Brasileira – FEB e participaram de operações militares na Itália, entre 1944 e 1945, conforme recorda o ex-combatente Ferdinando Piske (1997).

A FEB foi criada em 1943. Inicialmente, ela foi pensada como um Corpo de Exército, composto por três divisões de infantaria, mais os órgãos não divisionários e a reserva de pessoal. O “Corpo Expedicionário”, como a FEB foi inicialmente

denominada, teria um total aproximado de 60 mil homens, selecionados em um universo de 200 mil convocados. Devido à inúmeras razões, porém, só foi possível reunir pouco mais de 25 mil, distribuídos em uma 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária – 1ª DIE, órgãos não-divisionários e Reserva de Pessoal (FERRAZ, 2005; MAXIMIANO; BONALUME NETO, 2011).

Os primeiros efetivos da FEB chegaram à Itália em 15 de julho de 1944. A Força Expedicionária Brasileira foi incorporada ao 4º Corpo de Exército dos Estados Unidos que, por sua vez, fez parte do 5º Exército americano, sob o comando do General Mark Clark. Na Itália, as primeiras experiências de combate dos brasileiros ocorreram entre setembro de outubro de 1944, sob o comando do General Zenóbio da Costa. A 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária – 1ª DIE esteve engajada em 239 dias de ações contra inimigos alemães e italianos, sendo suas operações militares mais conhecidas em Monte Castelo e Montese. Após o fim da guerra na Europa, em maio de 1945, a FEB foi desmobilizada e seus primeiros efetivos iniciaram o retorno para o Brasil, em 19 de setembro, partindo do porto da cidade de Nápoles. A FEB teve um total de 443 mortos que, junto com oito aviadores do 1º Grupo de Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira, foram enterrados no Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia. Durante o começo da década de 1960, seus restos mortais foram transferidos para a cripta do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, localizado no Aterro do Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro (MAXIMIANO; BONALUME NETO, 2011).

Cesar Campiani Maximiano e Ricardo Bonalume Neto (2011) explicam que, durante os anos do pós-guerra, os veteranos brasileiros retornaram às suas vidas privadas. Junto com este processo de reintegração, também foram fundadas associações de ex-combatentes, como por exemplo, a Seção Regional de Jaraguá do Sul da Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira – ANVFEB. Segundo informa o secretário da “Seção Jaraguá do Sul”, Ivo Kretzer (2015), ela foi criada em 25 de julho de 1976. No começo, ela foi constituída por trinta e cinco veteranos residentes em Jaraguá do Sul e arredores. Ferdinando Piske (1997) atribui a fundação da “SR”, como também é conhecida, ao ex-combatente Bruno Scheibel, que contou com a colaboração da associação de Florianópolis. Essa agremiação de veteranos tem uma dimensão memorialística, claramente visível nas atividades que desenvolve em Jaraguá do Sul e arredores. Além do papel desempenhado na criação do Museu da Paz, em 2009, seus sócios (veteranos e, atualmente, filhos e netos) estiveram envolvidos com a construção e a

inauguração dos monumentos públicos em honra à FEB localizados em Corupá, Guaramirim e Jaraguá do Sul, além de exposições, palestras, entre outros eventos relacionados à memória e à história da Força Expedicionária Brasileira (KRETZER, 2015).

É o que reforçam, por exemplo, duas matérias do *Jornal do Vale do Itapocu*, publicadas, respectivamente, nas edições de 19 de julho de 2014 e 8 de agosto de 2014. A primeira matéria narra a solenidade realizada junto ao monumento à FEB localizado na cidade de Guaramirim (figura 1), em comemoração ao aniversário de 70 anos do desembarque do primeiro escalão da FEB na Itália, em 16 de julho de 1944. Compareceram à cerimônia o secretário da Seção Jaraguá do Sul da ANVFEB, Ivo Kretzer, o subcomandante do 62º Batalhão de Infantaria de Joinville, Tenente-Coronel Dantas, e o prefeito municipal de Guaramirim, Lauro Fröhlich – sobrinho do ex-combatente Estefano Maier. Foi depositada uma coroa de flores em frente ao monumento e os veteranos Walter Carlos Hertel, João Apolinário Francener e João Rodolfo Hauck foram, em seguida, homenageados. Eles eram os últimos remanescentes da FEB na região. A solenidade foi encerrada com o toque do silêncio, executado pelo Cabo Jonathan, do 62º BI.



Fonte: Foto do autor.

FIGURA 1

Monumento à FEB localizado na cidade de Guaramirim, em 2010

Já a matéria de 8 de agosto, relata as atividades promovidas pelo Museu da Paz, em parceria com o Núcleo Jaraguá do Sul da ANVFEB, durante o Dia da Paz. Em 6 de agosto de 1945, a cidade japonesa de Hiroshima sofreu o primeiro ataque

nuclear da história, quando um avião bombardeiro dos Estados Unidos B-27, apelidado de “Enola Gay”, lançou uma bomba atômica de urânio (“Little Boy”) sobre a cidade, às 8h15min (horário de Hiroshima). O efeito da fissão nuclear foi devastador e estima-se que, aproximadamente, 80 mil pessoas morreram em decorrência da explosão, além de outras 80 mil feridas (VÁZQUEZ, 2009). Anualmente, o dia 6 de agosto é conhecido como Dia da Paz. Em 2014, o Museu da Paz promoveu uma oficina de origami para alunos da Educação Básica de Jaraguá do Sul e a ANVFEB, organizou palestras para os mesmos estudantes, realizadas na Câmara de Vereadores do município. Elas foram proferidas por Ivo Kretzer e pelo comandante do 14º Batalhão de Polícia Militar da região, o Coronel Gonçalves.

A criação do Museu da Paz

O Museu da Paz foi criado pela Lei Municipal 5.438, de 10 de dezembro de 2009, assinada pela prefeita Cecília Konell. Suas origens, contudo, são mais remotas e estão situadas em meados da década de 1990, em Jaraguá do Sul. Em 21 de agosto de 1996, através do Decreto 3.410/95, assinado pelo então prefeito municipal Durval Vassel, foi criada a “Casa do Expedicionário”, um anexo do Museu Municipal “Emílio da Silva”, instalado no prédio do antigo terminal rodoviário de Jaraguá do Sul, no centro da cidade. Conhecido como “Museu do Expedicionário”, ele foi o primeiro espaço museológico criado na cidade e dedicado exclusivamente à memória e à história da Segunda Guerra Mundial e da Força Expedicionária Brasileira, com destaque para os veteranos residentes em Jaraguá do Sul e municípios vizinhos (ALCIONI, 2015).

Indagado sobre as razões para a criação do Museu do Expedicionário, Ademir Pfiffer (2015a) relata que havia em Jaraguá do Sul um sentimento de “apagamento” do legado histórico dos veteranos da FEB. Além disso, o ex-prefeito Durval Vassel era filho do veterano Frederico Kurt Vassel, o que sugere uma relação afetiva com a história dos “pracinhas” e uma disposição para um empreendimento caro e complexo que são a criação e a manutenção de um museu histórico. Uma das pessoas envolvidas com as origens do Museu do Expedicionário foi a museóloga Alcioni Macedo Canuto (2015). De acordo com ela, existia em Jaraguá do Sul uma espécie de “vocação” para um museu dedicado à Segunda Guerra Mundial e à FEB. Ela prossegue e argumenta que, junto com o grande número de veteranos residentes na região e da presença de uma associação de ex-combatentes atuante, o

público local manifestava interesse pelos temas a serem abordados pelo Museu do Expedicionário. Ela constatou este fato em 1995, quando organizou uma exposição alusiva ao aniversário de 50 anos do término da Segunda Guerra Mundial. A exposição foi apoiada pela associação de ex-combatentes, e um dos seus integrantes, Ferdinando Piske, foi o responsável pela redação do texto que fez parte do prospecto da exposição distribuído para o público. O evento foi realizado nas vitrinas de um antigo estúdio fotográfico existente no centro de Jaraguá do Sul, denominado “Foto Loss”, entre os dias 24 de março e 24 de maio de 1995.

As primeiras tarefas para tirar o museu do papel foram a reunião de um acervo e a obtenção de um espaço para sua exposição pública. A combinação entre a coleção (acervo) e a exposição forma o cerne de um museu, seja qual for seu tipo. Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses (2005) lembra que, estamos envolvidos em um cotidiano permeado pelos objetos materiais que são essenciais à nossa vida. A cultura material da qual eles fazem parte influencia a organização e as dinâmicas da própria sociedade. Ao estudá-la, estamos estudando a nós mesmos.

Os museus são espaços de conhecimento. Este conhecimento, por sua vez, envolve meios de comunicação. Lembrando Marília Xavier Cury (2005), as exposições são as principais formas de comunicação dos museus. A “comunicação museológica” é o resultado de um processo que começa com a formação de um acervo, passa pela pesquisa, documentação, preservação e, finalmente, exposição.

No caso de Jaraguá do Sul, o acervo que deu origem ao Museu do Expedicionário (mais tarde, ao Museu da Paz) foi reunido a partir de doações de famílias de ex-combatentes e da aquisição de uma coleção particular de militar e outros “objetos históricos” pertencentes a João Luis Channe, colecionador residente em Curitiba, Paraná. Com o apoio do ex-combatente Ferdinando Piske e do professor Balduino Raulino, na época presidente da Fundação Cultural de Jaraguá do Sul, foi feito o contato com o Sr. Channe, um “coleccionador excêntrico” que reunia de tudo em sua residência, na época localizada em Piraquara, no Paraná (CANUTO, 2015).

Tudo ele colecionava. Na época, ele possuía, mais ou menos, 500 fardas do exército. De tudo e qualquer exército que você possa imaginar, de todas as guerras, de todos os efeitos, de todas as investidas, desde o batalhão Suez, a Primeira Guerra Mundial, a Guerra do Vietnã. Tudo ele colecionava. Sabia que tinha uma peça, ele ia atrás. E acabou criando para ele um grande problema, a ponto da esposa chegar um dia para ele e dizer “ou eu, ou o acervo”. E foi

dessa forma que ele conseguiu, de uma maneira bem drástica, se desfazer de parte do acervo (CANUTO, 2015, p. 2).

O contato com ele ocorreu através de um sobrinho que era maestro da banda municipal de Jaraguá do Sul. Através dele, o governo municipal comprou uma ampla coleção de objetos acerca dos seguintes temas: bombeiros; maçonaria; religião; segurança pública; guerras mundiais. Atualmente, parte destes objetos está em exposições no Museu da Paz e no Museu Municipal “Emílio Silva” – este último, localizado no prédio da antiga prefeitura municipal de Jaraguá do Sul, localizado na Praça Angelo Piazero. Há muitos itens, contudo, que ainda não estão em exposições e fazem parte das reservas técnicas destes museus (PFIFFER, 2015a).

A formação de acervos de museus a partir da aquisição de coleções particulares é algo comum. No município de Joinville, vizinho a Jaraguá do Sul, por exemplo, existe o Museu Arqueológico de Sambaqui – MASJ. Fundado em 1963, a coleção que deu origem a este museu pertenceu a um arqueólogo amador radicado em Joinville chamado Guilherme Tiburtius (MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SAMBAQUI DE JOINVILLE, 2022). O que chama a atenção na coleção comprada junto a João Luis Channe é o seu tamanho e a diversidade de temas históricos que ela abrange, não somente a Segunda Guerra Mundial e a Força Expedicionária Brasileira.

O primeiro local em que a coleção foi exposta, após o evento no estúdio Foto Loss, foi um “nicho temático” existente no Museu Histórico “Emílio da Silva”, na época, localizado em um galpão da antiga estação ferroviária de Jaraguá do Sul. Hoje, o lugar abriga a Biblioteca Pública Municipal. Uma das profissionais responsáveis pela sua organização foi a museóloga Alcioni Macedo Canuto (2015). Após a criação do Museu do Expedicionário, o acervo foi transferido para sua sede, situada no centro da cidade, onde hoje está abrigado o terminal urbano, fundos da Praça do Expedicionário. A exposição também foi organizada por Canuto (2015), sendo composta por fotografias, material bélico, trajes e demais objetos relacionados às guerras mundiais.

Pfiffer (2015a) também informa que a exposição do antigo Museu do Expedicionário era itinerante e chegou a ser exposta nas dependências da Escola Técnica Tupy (atual UNISOCIESC), em Joinville. No ano seguinte, todavia, 1997, o Museu do Expedicionário e o Museu Histórico “Emílio da Silva” foram fechados. Na ocasião, a cidade era governada pelo prefeito Geraldo Werninghaus. Ao recordar-se

sobre o fato, Pfiffer (2015a) conta que a justificativa foi a contenção de despesas. Não existiam suportes financeiros estadual e federal e a manutenção dos museus se tornou inviável.

Outro aspecto que interferiu, decisivamente, para o encerramento das atividades do Museu do Expedicionário foi a mudança de governo. O Senhor Geraldo Werninghaus, novo prefeito eleito, tinha respeito, conhecimento e carinho pela história de Jaraguá do Sul. Mas, não tinha sentimento e vínculo de pertencimento com o movimento da FEB, ou seja, com o legado cultural que permeava a história dos Pracinhas da Segunda Guerra Mundial (PFIFFER, 2015a, p. 3).

“Eles tiraram do dia para a noite esse acervo, desmancharam o museu”, recorda Canuto (2015, p. 2). A depoente prossegue e lamenta: “Museu criado, museu que poderia estar recebendo verba, local maravilhoso, toda a reforma, toda adequação, foi tirado do dia para a noite, pois não havia interesse do prefeito. Fora, então, recolhido todo esse acervo e guardado na estação ferroviária.” (CANUTO, 2015, p. 2).

Em contrapartida, foi proposta a fusão dos museus em uma única instituição, a ser instalada no prédio da antiga prefeitura municipal, situada na Praça Angelo Piazero. A edificação foi inaugurada em 1941, poucos anos após a emancipação de Jaraguá do Sul, sendo ela construída no estilo *Art Decó*. Em 1997, ela foi desocupada. À época, Sílvio Celeste ocupava a presidência da Fundação Cultural de Jaraguá do Sul, que, junto com a museóloga Alcioni Macedo Canuto, articulou o processo de revitalização do prédio, concluído em 2001. Houve muita expectativa em torno deste processo e do destino a ser dado ao acervo do Museu do Expedicionário que, em 1999, foi ampliado com uma doação de material bélico feita ao museu pelo Exército Brasileiro.

A única coleção catarinense que conta a história da FEB (...) e da 2ª Guerra Mundial recebeu complemento na última semana. Dez peças do acervo do Exército (...) foram doadas ao Museu do Expedicionário. A doação foi promessa do general Zenildo Lucena, há quatro anos. Então Ministro do Exército, ele esteve em Jaraguá do Sul, para a inauguração do anexo do Museu Municipal Emílio Silva e viabilizou a liberação de armas, trâmite burocrático dado ao valor histórico das peças. “Só conseguimos essa doação porque o museu já tinha o reconhecimento de entidades que avaliam o valor das instituições museológicas”, conta Alcioni de Macedo Canuto, diretora da entidade. Ela contou com o fato de o General Lucena ser casado com uma bisneta do fundador de Jaraguá do Sul, Emílio Carlos Jourdan, e com a intervenção do Capitão Fedinando Piske, para incentivar o

empreendimento. “Isso torna o nosso museu um dos mais completos do gênero’, comemora, lembrando que apenas quatro instituições brasileiras ocupam-se de preservar a história dos expedicionários (EM DEFESA..., 1999, p. 1).

A doação e a preocupação com um local adequado para a guarda e a exposição dos itens históricos recebidos também foi destaque em outro periódico local:

O Museu Municipal ‘Emílio Silva’ recebeu do Exército Nacional/Departamento de Assuntos Culturais do Rio de Janeiro dez armas históricas utilizadas pelos pracinhas na 2ª Guerra Mundial. São baionetas, bazucas, espadas e outras que passaram a integrar o Museu do Expedicionário, que é um dos mais completos do país. A conquista é o reconhecimento do Exército pela preservação da história da participação brasileira no teatro de operações da Itália, obtida graças a intervenção do ex-Ministro do Exército, General Zenildo Lucena, que em julho de 1996, esteve em Jaraguá do Sul, participando da inauguração do Museu do Expedicionário, no centro histórico da cidade, acompanhado de sua esposa, Edith Jourdan Lucena, bisneta do fundador da cidade.

O Capitão Ferdinando Piske teve também participação decisiva para que o valioso acervo viesse a Jaraguá do Sul. A diretora do Museu, Alcioni Canuto de Macedo, destaca o envolvimento do Capitão Piske e o reconhecimento do Exército pela coleção existente em Jaraguá, uma das melhores e maiores sobre a 2ª Guerra Mundial. As peças não estão em exposição, mas dentro de alguns meses serão apresentadas outra vez para pesquisa, em lugar definitivo, o prédio da antiga Prefeitura, que entra em reformas a partir de dezembro.

‘Enriquecendo muito o Museu do Expedicionário com as peças inéditas usadas pela Força Expedicionária Brasileira. São peças de reserva de um acervo que estava originalmente em Brasília e que veio parar em Jaraguá do Sul. O fato é motivo de muita alegria, porque vem somar as já existentes’, registrou Alcioni (MUSEU..., 1999, p. 1).

No dia 19 de novembro de 2001, ocorreu, oficialmente, a instalação do Museu Histórico “Emílio da Silva” no prédio da antiga prefeitura municipal revitalizado. A exposição do antigo Museu do Expedicionário foi incorporada ao “Emílio da Silva”, como também é conhecido. Na semana seguinte à inauguração do museu, foi aberta a exposição da sala temática alusiva à Segunda Guerra Mundial, existente no Museu Histórico “Emílio da Silva”. O evento contou com a presença de veteranos e do Capitão Ferdinando Piske, então presidente do Núcleo Jaraguá do Sul da ANVFEB. Tratava-se de uma sala contextualizada, cujas primeiras monitorias foram conduzidas pela museóloga Alcioni Macedo Canuto e pela professora Eliza Ressel Diefenthaler (PFIFFER, 2015a).

A museologia e a museografia catarinense ganham a partir de amanhã um referencial no Estado, com a inauguração do Museu Municipal Emílio da Silva, que desde janeiro de 1999 deixou de ocupar as instalações do centro histórico da rua Getúlio Vargas, para funcionar no antigo prédio da Prefeitura. Construído em 1941, o prédio foi totalmente remodelado e reconstruído em ambientes temáticos.

A inauguração será durante toda a semana, com homenagem aos ex-prefeitos na segunda-feira (19); abertura do espaço cultural Emílio da Silva, dia 20, abertura do espaço cultural educativo, religioso e dos meios de transportes no dia 21, abertura do espaço do Legislativo no dia 22, e a abertura do espaço cultural dos expedicionários e o auto de Natal no dia 23. A Prefeitura investiu R\$ 250 mil na recuperação do prédio e nos móveis (BUENO, 2001, p. 1).

Na mesma matéria, no entanto, também está presente a preocupação com a coleção do Museu do Expedicionário, considerada pelo autor uma das que mais chama a atenção no museu. “O Museu do Expedicionário ficará temporariamente no Museu Emílio da Silva, já que a ideia é de no futuro resgatar o espaço que já havia sido conquistado, mas acabou dando espaço para a construção do terminal urbano no centro” (BUENO, 2001, p. 1).

Entre 2001 e 2008, a sala temática referente a Segunda Guerra Mundial recebeu inúmeras visitas de alunos da Educação Básica de Jaraguá do Sul, de pesquisadores ou de pessoas apenas interessadas na história do conflito e da participação brasileira nessa conflagração, segundo informa Pfiffer (2015). Paralelamente, cresceu a pressão por parte dos veteranos locais para a transferência da sala temática para um espaço próprio, tal como ocorrera com o Museu do Expedicionário, entre 1996 e 1997. Esta demanda contou com o apoio da então presidente da Fundação Cultural de Jaraguá do Sul, Natália Lucia Petri, e da museóloga Alcioni Macedo Canuto. Assim, durante a gestão do prefeito Moacir Antonio Bertoldi, a sala temática do “Emílio da Silva” foi desativada e transferida para a antiga estação ferroviária de Jaraguá do Sul, localizada no Centro Histórico da cidade, na Avenida Getúlio Vargas. O Museu do Expedicionário, como foi conhecido na ocasião, foi instalado oficialmente no dia 10 de dezembro de 2008. Contribuíram para este fato a recuperação do Centro Histórico de Jaraguá do Sul, com o apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, e uma questão simbólica: a construção em que o Museu do Expedicionário seria instalado foi o local de embarque os cidadãos locais que serviram na FEB, em 1944. Além disso, em frente ao museu já existia um espaço de memória sobre os “pracinhas do vale do Itapocu”, a Praça do Expedicionário e seu monumento em

pedra e bronze (CANUTO, 2015; PFIFFER, 2015a).

No ano seguinte, o Museu do Expedicionário sofreu uma reestruturação para, em 10 de dezembro de 2009, através da Lei Municipal 5.438, passar a ser denominado Museu da Paz – MPZ. Mas, por que um museu de história militar dedicado à memória e à história das guerras mundiais e da Força Expedicionária Brasileira foi denominado de “Museu da Paz”? Segundo Ademir Pfiffer (2015a, p. 6):

O Museu da Paz foi fruto de um trabalho pautado no diálogo que envolveu Alcioni Macedo Canuto, Anselmo Bertoldi, Ivo Kretzer, Natália Lucia Petry (presidente da Fundação Cultural), entre outros formadores de opinião. Segundo a Senhora Alcioni Canuto, técnica em museologia, a tendência à época era difundir essa conceituação tipológica de museu vinculado ao conceito amplo da cultura da paz. É importante salientar, segundo Canuto, que o recurso da guerra foi um meio determinante (vencido e esgotado por diplomacia dos canais de negociação, entre os chefes de estados), a guerra foi a alternativa encontrada para combater a ideologia do Fascismo e do Nazismo, colocando o fim no século das guerras. Assim, foi encerrado o século de dizimação dos povos pela violência e o recurso das guerras. Porém, outros fatores políticos ressuscitaram o clima tenso (Guerra Fria) e preparatório de novas guerras ocultas, como o terrorismo, nova modalidade de guerra sem fronteira e territorialidade, ainda presente neste segundo milênio.

O MPZ desenvolve diversas atividades que vão além da sua exposição. A firme parceria com a ANVFEB permitiu, por exemplo, que, em 2010, Jaraguá do Sul sediasse o 22º Encontro Nacional de Veteranos da Força Expedicionária Brasileira, ocorrido entre os dias 13 e 15 de novembro, com programações no MPZ e na Sociedade Cultural de Artística – SCAR. O Museu da Paz é um lugar de memória, um espaço de salvaguarda do patrimônio histórico local relacionado à FEB. Os seus desafios, porém, são muitos. Atualmente, o MPZ não possui uma equipe concursada especificamente para atuar no museu, sendo seus integrantes readaptados. Além disso, o prédio em que ele funciona é dividido com a sede da Fundação Cultural de Jaraguá do Sul que o impede de abrir aos finais de semana. Por outro lado, o Museu da Paz possui um programa de ação educativa próprio.

A história no Museu

Desde sua criação, em 2009, o Museu da Paz – MPZ está instalado na edificação que abrigou a antiga estação ferroviária de Jaraguá do Sul, inaugurada em 1943. No local, o MPZ divide o espaço com a sede da Fundação Cultural de Jaraguá do Sul, fato este que gera um problema para o próprio museu, pois o seu

horário de funcionamento deve ser igual ao horário da Fundação Cultural, que não abre aos finais de semana. Ou seja, ao contrário dos demais museus existentes na região, o MPZ abre de segunda as sextas-feiras, em horário comercial, porém não atende o público durante os finais de semana.

Ele é composto pelos seguintes ambientes: hall de entrada; secretaria / reserva técnica, sala de reuniões, banheiro e exposição permanente. Interessa para este tópico a exposição de longa duração do MPZ, aberta ao público ao longo de três grandes salas, organizadas pela museóloga Alcioni Macedo Canuto (2015). Meneses (2005) afirma que, os museus oferecem aos seus visitantes uma “convenção visual”. A exposição é o meio através do qual isto acontece. Ela é a principal forma de comunicação estabelecida entre o museu e seu público visitante. A exposição e sua narrativa, no entanto, são representações que, por sua vez, estão relacionadas ao imaginário em torno do qual gira o próprio museu. Em outras palavras:

aos museus históricos (...) não pode haver, nunca, exibição neutra ou literal de artefatos. As premissas e os compromissos são sempre muito densos. A exposição museológica pressupõe, forçosamente, uma concepção de sociedade, de cultura, de dinâmica cultural, de tempo, de espaço, de agentes sociais e assim por diante (MENESES, 2005, p. 33).

Ainda a respeito da exposição, Marília Xavier Cury (2005, p. 42) explica que:

Exposição é, didaticamente falando, conteúdo e forma, sendo que o conteúdo é dado pela informação científica e pela concepção de comunicação como interação. A forma da exposição diz respeito à maneira como vamos organizá-la, considerando a organização do tema (...) associados a outras estratégias que juntas revestem a exposição de qualidades sensoriais.

Ao se recordar sobre a organização da exposição do Museu da Paz, Canuto (2015) destaca que a cidade de Jaraguá do Sul tem uma íntima relação com a memória e a história da Segunda Guerra Mundial e da Força Expedicionária Brasileira – FEB. Três argumentos são listados pela museóloga: os reflexos do envolvimento brasileiro com o conflito, expressos na região através do recrudescimento das leis de nacionalização e dos conflitos entre autoridades públicas e comunidade teuto-brasileira; o expressivo número de cidadãos-soldados locais enviados à Itália; a existência de uma atuante associação de ex-combatentes no município desde o final da década de 1970. “nós precisávamos de um espaço

onde isso fosse refletido, mas isso é muito pequeno ainda perante a importância do museu na sua concepção” (CANUTO, 2015, p. 3).

Refletir a paz é muito maior que o tema da Segunda Guerra Mundial e da viagem dos expedicionários. Na minha concepção e no meu entendimento, a guerra nunca acabou. Não só a Guerra Fria, como também a guerra das forças, mas também as várias guerras, o próprio aquecimento global era a proposta e é a proposta desse museu. Guerras sociais, guerras do cotidiano, por quê? Porque, ali era um espaço que se determina o ‘espaço da paz’ para se refletir o social (CANUTO, 2015, p. 3).

É o que também afirma Ademir Pfiffer (2015, p. 1), quando expõe a missão do MPZ: “esta instituição museológica é um espaço de diálogo e confrontação de ideias, visando acima de tudo construir a cidadania plena, através de uma cultura de paz”.



Fonte: Foto do autor.

FIGURA 2

Corredor de acesso às salas de exposição permanente do MPZ, em 2015

A exposição do Museu da Paz é iniciada já no corredor que dá acesso às salas de exposições, conforme mostra a figura 2. Ela é formada com objetos diversos, entre itens originais da época da guerra e réplicas. O estado de conservação do material exposto é variado, sendo acompanhados por etiquetas e outros suportes

para informações históricas, tais como cartazes e pôsteres (figura 3). Há destaque para documentos e objetos relacionados aos expedicionários locais, conhecidos como os “pracinhas do vale do Itapocu”, nomenclatura que é um símbolo de identidade entre ex-integrantes da FEB que nasceram ou moram em Jaraguá do Sul e municípios vizinhos, como por exemplo, Corupá, Guaramirim e Massaranduba. Ferdinando Piske (1997) listou um total de 86 expedicionários, a maioria serviu no 11º Regimento de Infantaria da FEB e todos foram condecorados com a Medalha de Campanha, o que indica que eles participaram de operações militares no teatro de operações italiano, entre 1944 e 1945. Destes, 56 eram naturais de Jaraguá do Sul ou residentes no município quando foram convocados.



Fonte: Foto do autor.

FIGURA 3

Sala de exposição 1, cujo destaque é o serviço médico da FEB, em particular as enfermeiras brasileiras enviadas à Itália, em 1944

De acordo com o *Programa Ação Educativa* (MUSEU DA PAZ, s.d.), a exposição permanente do MPZ está organizada através dos seguintes temas: “Acervo Civil e Militar” (corredor ou módulo 1), “Primeira Guerra Mundial, Segunda Guerra Mundial”, “Participação da Mulher na Segunda Guerra Mundial” (sala 1 ou módulo 2), “Acervo Fotográfico, Armas, Indumentárias, Medalhas, Coleção de Fardas Europeias” (sala 2 ou módulo 3) e “Transporte 1ª Guerra Mundial e Imagens 2ª Guerra Mundial” (sala 3 ou módulo vitrine). A exposição é complementada com outros espaços de memórias ligados ao museus e que estão localizados nos arredores, a Praça do Expedicionário, cujo monumento recebe diversas cerimônias

alusivas a Segunda Guerra Mundial, promovidas pela Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira – ANVFEB, em parceria com o Museu da Paz e com o 62º Batalhão de Infantaria (Joinville, SC), e os muros localizados nos fundos do MPZ, que foram pintados por artistas locais com temas relacionados à história da Segunda Guerra Mundial (figura 4).



Fonte: Foto do autor.

FIGURA 4

Monumento aos “pracinhas do Vale do Itapocu”, na Praça do Expedicionário, em 2010

Então, quando nós fomos pela primeira vez trabalhar o acervo, para se ter uma ideia, o acervo da farda e da indumentária do *Afrika Korps*, as suásticas, os emblemas, as coisas são extremamente impregnadas de informação, de emoção e mensagens, subliminares ou não, mas muitas mensagens. E que não poderiam ser “colocadas” sem critérios dentro de um expositor, precisaria de um suporte de entendimento museológico, técnico e científico para expor. Por quê? Porque, para um jovem que não entende do que está vendo e que não sabe, ele vai lá e tatuar uma suástica na testa ou no braço, porque acha bonito, é um protesto, é isso ou aquilo. E nós, como pesquisadores, sabemos que essas simbologias elas têm muito mais a carregar com elas uma informação subliminar muito mais pesada que se possa imaginar (CANUTO, 2015, p. 4).

Ainda em Canuto (2015, p. 4), ela afirma que: “O museu tem um acervo muito significativo e cada parte desse acervo tem uma proposta no olhar. Nós convidamos a cada pedacinho que você olha, tem uma mensagem, uma leitura e um olhar diferenciado sobre”. Esta preocupação com o significado também está presente na educação patrimonial promovida pela equipe do MPZ, cujo programa de Wilson de Oliveira Neto

ação educativa prevê que: “é e continuará sendo realizada através de conexões pontuadas em reflexões entre o presente e o passado, provocando (...) amplas discussões acerca dos conflitos armados no transcorrer do século XX” (MUSEU DA PAZ, s.d., p. 1).

A exposição de longa duração é a forma principal de comunicação museológica praticada pelo MPZ, compreendida neste artigo como as “diversas formas de extroversão do conhecimento em museus”, segundo define Cury (2005). Há, contudo, outras formas de comunicação praticadas pelo Museu da Paz, sendo uma delas relacionada com a divulgação na imprensa local das atividades que a instituição promove, em particular, aquelas voltadas para os alunos da rede pública municipal de Jaraguá do Sul, mediada pela equipe lotada no Museu.

Foi o que noticiou, por exemplo, o *Jornal do Vale do Itapocu*, em 6 de agosto de 2014, quando da recordação do aniversário de 69 anos do ataque nuclear contra a cidade japonesa de Hiroshima. Entre outras atividades, o MPZ, junto com a seção local da ANVFEB e o comando do 14º Batalhão de Polícia Militar de Jaraguá do Sul, promoveu palestras para os alunos das redes públicas estadual e municipal em Jaraguá do Sul. Já em 12 de setembro de 2014, o mesmo jornal publicou uma matéria que abordou uma exposição alusiva ao centenário da Primeira Guerra Mundial (1914–1918) organizada pelas turmas das séries finais do Ensino Fundamental da Escola de Educação Básica Valdete Piazero Vindars, de Jaraguá do Sul. A montagem da exposição foi orientada pela arte-educadora Cristina Pretti e aberta ao público nas dependências do Museu da Paz. A parceria com as escolas de Jaraguá do Sul é mencionada com destaque por Pffiffer (2015) que, inclusive, cita os nomes de Pretti e de outra professora, Marciana Ludero.

A primeira é sintonizada com o mundo das artes e com o trabalho efetivo na EEB ‘Professora Valdete Inês Piazero Zindars’. Assim, por ocasião do evento Primavera dos Museus, em 2013, ela organizou um trabalho de pesquisa envolvendo estudantes da educação básica (fundamental e médio) sobre os fatos marcantes da conjuntura do teatro da Primeira Guerra Mundial. A segunda, organizou uma excursão no interior do Museu da Paz com os alunos do 9º ano (EMEF Helmuth Guilherme Duwe), guiada por Ademir Pffiffer e Rosane Neitzel Gonçalves (monitora). A partir da Ação Educativa, com registro fotográfico, ela organizou uma exposição ligada aos módulos expográficos e musealizados do patrimônio da Força Expedicionária Brasileira (FEB), no ano de 2013 (PFIFFER, 2015, p. 1).

Outra parceria importante para o Museu da Paz é o núcleo local da ANVFEB. Segundo seu secretário, Ivo Kretzer (2015), a ANVFEB e o MPZ promovem palestras para jovens alunos da Educação Básica, além de cerimônias públicas em datas especiais, como por exemplo, o Dia da Vitória, celebrado anualmente em 8 de maio, dia que corresponde ao fim da Segunda Guerra Mundial na Europa, com a rendição incondicional alemã e a vitória dos Aliados. Ele também reforça que a existência do próprio Museu da Paz também está relacionada com a própria ANVFEB em Jaraguá do Sul, conforme exposto anteriormente.

Há dois fatos importantes na história da colaboração entre a ANVFEB e o MPZ. O primeiro foi a publicação, durante a década de 1990, de uma narrativa em arte sequencial (história em quadrinhos ou HQ) sobre a Segunda Guerra Mundial e a Força Expedicionária Brasileira, denominada *Uma história de surpresas*. Ela foi escrita pela museóloga Alcioni Macedo Canuto, pela socióloga Cláudia Maria Costa Corrêa e pelo expedicionário Ferdinando Piske que, inclusive, é um dos personagens principais da história, que gira em torno dele contando ao seu neto Thiago a história da guerra e dos pracinhas brasileiros.

Já o segundo, foi o 22º Encontro Nacional de Veteranos da FEB que foi realizado em Jaraguá do Sul, em 2010. Entre os dias 13 e 15 de novembro, ocorreram diversas atividades no Centro Histórico e na Sociedade Cultural de Artística – SCAR em Jaraguá do Sul, que foram prestigiadas por expedicionários e seus familiares oriundos de diversos Estados do Brasil, além de autoridades públicas e pesquisadores brasileiros e estrangeiros (PFIFFER, 2015a).

Considerações finais

Criado em 2009, o Museu da Paz é um dos espaços de memória dedicados à Segunda Guerra Mundial e à Força Expedicionária Brasileira existentes em Jaraguá do Sul e municípios vizinhos. Suas origens, contudo, estão situadas na década de 1990, quando da criação da “Casa do Expedicionário”. Este fato envolveu o poder público e a atuação do Núcleo de Jaraguá do Sul da Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira – ANVFEB, cujos detalhes ainda não estão claros para a historiografia, assim como as circunstâncias em torno do fechamento do Museu do Expedicionário, em 1997.

Através da memória e da história da Segunda Guerra Mundial e da FEB, com destaque para os “pracinhas do Itapocu”, o MPZ apresenta ao público uma

narrativa que tem como conteúdo as guerras mundiais, porém com a intenção de promover uma discussão sobre a cidadania e a paz. A exposição permanente é o principal meio por meio do qual esta narrativa é enunciada. Há, porém, outros, tais como oficinas, palestras e a realização de eventos, como por exemplo, a realização de um encontro nacional de ex-combatentes, em 2010. Neste sentido, reside aí a possibilidade de investigar com mais profundidade as relações entre o Museu da Paz e o seu público visitante, assim como outras instituições parceiras do MPZ, entre as quais se destacam a rede municipal de ensino de Jaraguá do Sul e o núcleo local da ANVFEB, o que vai ao encontro da tese de Francisco César A. Ferraz (2012), para o qual a reintegração social dos expedicionários também envolveu a memória e a história, das quais o Museu da Paz faz parte.

REFERÊNCIAS

- BUENO, Ney. Museu Emílio da Silva é inaugurado. *AN Jaraguá*, Jaraguá do Sul, 18 nov. 2001, p. 1.
- CANUTO, Alcioni Macedo. [Entrevista]. Entrevista concedida a Wilson de Oliveira Neto e à Gabriela Lennert, em 7 de agosto de 2015, na cidade de Jaraguá do Sul – SC.
- CURY, Marília. Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.
- GUEDES, Sanda. P. L. de Camargo.; OLIVEIRA NETO, Wilson de.; OLSKA, Marília Gervazi. *O Exército e a cidade: Joinville e seu batalhão*. Joinville: UNIVILLE, 2008.
- DIA da paz é lembrado com atividades pelo Museu da Paz nesta Quarta-Feira. *Jornal Vale do Itapocu*, Jaraguá do Sul, 6 ago. 2014, p. 2.
- EM DEFESA da sobrevivência. *Correio do Povo*, Jaraguá do Sul, 20 nov. 1999, p. 1.
- FALCÃO, Luiz Felipe. A guerra interna (integralismo, nazismo e nacionalização). In: BRANCHER, Ana. (org.). *História de Santa Catarina: estudos contemporâneos*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.
- FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 2004.
- FERRAZ, Francisco César Alves. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- HOBSBAWM, Eric. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: HOBSBAWM, Eric; RANER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JARAGUÁ DO SUL. *Síntese da história da cidade*. Disponível em: <http://www.jaraguadosul.sc.gov.br/sintese-da-historia-da-cidade-jaragua-do-sul>. Acesso em: 12 jun. 2022.

KRETZER, Ivo. [Entrevista]. Entrevista concedida a Wilson de Oliveira Neto em 10 de abril de 2015, na cidade de Jaraguá do Sul - SC.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MAXIMIANO, Cesar Campiani; BONALUME NETO, Ricardo. *Brazilian Expeditionary Force in World War II*. Oxford: Osprey Publishing, 2011.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (org.). *Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia moderna*. Belo Horizonte; Brasília: Argumentvm; CNPq, 2005.

MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SAMBAQUI DE JOINVILLE. *Histórico*. Disponível em: <http://museusambaqui.blogspot.com.br/p/historico.html>. Acesso em: 12 jun. 2022.

MUSEU DA PAZ. *Programa Ação Educativa*. Jaraguá do Sul: s.n., s.d.

MUSEU recebe armas históricas do Exército. *Jornal do Vale*, Jaraguá do Sul, v. XIV, n. 577, 18-24 nov. 1999, p. 1.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA NETO, Wilson de. O 13º Batalhão de Caçadores em “tempo de guerra” (1942-1945). *Revista UNIVILLE*: edição comemorativa de 10 anos do Ciclo de Debates sobre História Regional, Joinville, v. 12, n. 1, p. 92-103, 2007.

OVERY, Richard. *Blitzkrieg – a guerra relâmpago: estratégia alemã força a retirada dos aliados*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2014.

PEREIRA, Durval Lourenço. *Operação Brasil: o ataque alemão que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Contexto, 2015.

PFIFFER, Ademir. *Museu da Paz: apresentação*. Disponível em: <http://www.jaraguadosul.sc.gov.br/museu-da-paz-apresentacao>. Acesso em: 25 fev. 2015a.

PFIFFER, Ademir. [Entrevista]. Entrevista concedida a Wilson de Oliveira Neto, em 29 de maio de 2015, na cidade de Jaraguá do Sul - SC.

PISKE, Ferdinando. *Os pracinhas do vale do Itapocu: a história de um punhado de bravos brasileiros no inferno da Segunda Guerra Mundial*. Jaraguá do Sul: Gráfica e Editora CP, 1997.

SEITENFUS, Ricardo. *O Brasil vai à guerra: o processo de envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Barueri: Manole, 2003.

SOLENIDADE lembra 70 anos da chegada da FEB na Itália. *Jornal do Vale do Itapocu*, Jaraguá do Sul, 19 de julho de 2014, p. 2.

TAMANINI, Elizabete. Descobrir, coletar, preservar: aspectos da história dos museus. *Cadernos do CEOM*, Chapecó, v. 14, n. 12, p. 107-131, jun. 2000.

VÁZQUEZ, Juan. *6 e 9 de agosto de 1945: o Japão curva-se diante do poder atômico*. São Paulo: Abril, 2009.

VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. A Segunda Guerra Mundial (1939–1945). *Ciência Hoje*, São Paulo, v. 19, n. 109, p. 36-27, maio 1995.

Wilson de Oliveira Neto é Professor Adjunto na Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Pós-Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Patrimônio Social e Sociedade e Graduado em História pela UNIVILLE.

Como citar:

OLIVEIRA NETO, Wilson de. Histórias de guerras e de pracinhas: o Museu da Paz, em Jaraguá do Sul, Santa Catarina. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 18, n. 2, p. 124-147, jul./dez. 2022. Disponível em: pem.assis.unesp.br.